

Alguns momentos mais importantes da tradição do conflito

1800-1840	Economistas clássicos: Ricardo		Hegel
1840-1870	Economia histórica alemã: <i>Realpolitik</i>		Marx e Engels
1870-1900		Nietzsche	Materialismo dialético de Engels
1900-1920	Weber/Michels	Teorias marxistas do imperialismo	Simmel
1920-1940	Mannheim	Lukács Gramsci	Escola de Frankfurt Sociólogos da ciência Marxistas
1940-1960	Gerth/Mills		Teoria Funcionalista do Conflito: Collins
	Teoria organizacional Teoria da estratificação Sociologia Política		
1960-1990	Teoria do conflito Dahrendorf Lenski Collins		Neomarxismo e neweberianismo Teoria dos Sistemas Mundiais Sociologia Histórica das Revoluções, dos Movimentos Sociais e do Estado
	Teoria da estratificação sexual		

Alguns dos principais momentos da Escola Durkheimiana

	Vertente macro	Vertente micro	
1740-1770	Montesquieu		
1770-1800	Filósofos revolucionários		
1800-1830	Saint-Simon	Reacionários defensores da religião: De Bonald, De Maistre	
1830-1860	Positivismo de Comte		
	Influência utilitarista: John Stuart Mill		
1860-1890	Herbert Spencer		Psicologia da multidão Classicistas e antropólogos: Frazer Fustel de Coulanges
1890-1920		Durkheim	Antropologia dos rituais Mauss
1920-1960			Especialistas das religiões clássicas, de Cambridge
	Funcionalistas Merton Parsons	Estruturalismo de Lévi-Strauss	Antropologia Social Britânica: Radicliffe-Brown Lloyd Warner
1960-1990	Teoria do capital cultural de Bourdieu		Interações rituais de Goffman Ritual e estratificação: Bernstein Mary Douglas Collins Sociologia da ciência Durkheimiana: Hagstrom Bloor Sociologia das emoções: Scheff

Se a visão de Durkheim acerca da vida social era exótica, isso se deve ao fato que ele não fez distinção entre Sociologia e Antropologia. Institucionalmente, a separação entre as duas áreas era menos rígida na universidade francesa do que

Alguns dos principais momentos da tradição racional-utilitarista

1690	Locke, contrato social		
1720	Mandeville, vícios privados e virtudes públicas		
1740	Hume	associação de ideias	
	Hartley		
1760-1780	Adam Smith, simpatia moral		
			Economia do <i>laissez-faire</i>
1800	Bentham, reforma legal utilitarista		
1850	John Stuart Mill, ética utilitarista		
1870-1900	Bradley	ética antiutilitarista	
	Moore		
			Economia acadêmica/ equilíbrio geral
	Durkheim critica o contrato social		
1930	Waller, mercado sexual e mercado de casamento		
1940		Teoria dos Jogos	
1950		Dilema do prisioneiro	
			Downs, teoria econômica da democracia
	March e Simon, satisfação		
1960	Homans	Teoria da troca	Riker, coalizão do mínimo vencedor
	Blau		
		Olson, Dilema do carona	
			Schelling, coalizões coercivas, crime e mercados ilegais
1970	Justiça distributiva		Rawls, Teoria da Justiça
		Kahneman e Tversky Anomalias nas escolhas	Buchanan, escolha pública
		Inflação educacional Divisões no mercado de trabalho	
1980	Cook		Taxas protecionistas do Estado
	Willer	poder em redes de troca	
1990	Harrison White, redes de mercado		Teoria da Solidariedade
		Hechter	
		Coleman	

Alguns momentos fundamentais da tradição microinteracionista

1870-1900	Pragmatismo americano: Peirce, James			Objetivismo alemão: Brentano, Meinong
1900-1930	Dewey	Cooley Thomas Meed		Husserl
1930-1960	Interacionismo simbólico: Blumer		Schutz	Existencialismo Heidegger Sartre
	Teorias do desvio, das ocupações e profissões: Hughes			
1960-1990	Teoria dos papéis			Etnometodologia: Garfinkel
				Análises de conversação Sociologia Cognitiva
				Goffman: <i>Análise dos Bastidores</i>

Modelo dramaturgico | Erving Goffman

- **A Representação do Eu na Vida Quotidiana** (*The Representation of Self in Everyday Life*, 1959, no original em inglês) é, talvez, o mais importante livro de **Erving Goffman** (1922-1982).
- Suas pesquisas incidiram sobre as interações face-a-face da vida cotidiana, construindo de um modo muito característico os seus recursos conceptuais, baseando-se em **metáforas teatrais** (palco, público, papel, bastidores, *mise en scène*, etc.).

Modelo dramatúrgico | Erving Goffman

- Análise dos **encontros** correntes da vida quotidiana.
- O conceito de «**papel social**» e «**ator social**» por exemplo, tem origem na **cena** teatral.
- Goffman concebe a vida social como se fosse algo que vai sendo representado num palco, por atores – ou em muitos palcos, já que os nossos atos dependem dos papéis que desempenhamos em cada momento.
- Esta abordagem é por vezes apelidada de **Modelo dramatúrgico**.

Modelo dramático | Erving Goffman

- Partindo da metáfora teatral, Goffman constrói os seguintes conceitos do modelo dramático:

- a) representação;
- b) personagem;
- c) ator;
- d) cena;
- e) máscara;
- f) papel;
- g) fachada;
- h) cenário/palco;
- i) bastidores.



*sociologia
goffmaniana*

Modelo dramatúrgico | Erving Goffman

- **As pessoas são sensíveis à forma como são vistas pelos outros, usando muitas formas de gestão de impressões para assegurar que os outros reagem da forma desejada.**
- Embora isto possa ser feito de forma consciente e premeditada, está usualmente entre as coisas que fazemos sem disso termos consciência.
- Por exemplo, no emprego as pessoas sentem-se obrigadas a vestir-se – ou são mesmo obrigadas a vestir-se – mais formalmente do que quando se encontram com os amigos.

Goffman | Definir a situação

«Quando um individuo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à balia a que já possuem. Estarão interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las».

Goffman | Definir a situação

A que serve a informação?

- *A informação serve para definir a situação*
- «A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. [...]».

Goffman | Interação simbólica

- «Como vai?» não é uma pergunta literal; é uma **formula simbólica**, que significa que uma pessoa concede à outra status suficiente para tratá-la como um indivíduo (ao contrário, por exemplo, de uma situação comercial em que alguém se dirige a alguém na bilheteria e sem qualquer cerimônia diz “dois ingressos para o próximo show”).
- Todas as conversações podem ser ritualísticas nesse sentido, tal como duas pessoas em um coquetel trocam informações sobre seus trabalhos, suas cidades natal, sobre o clima.

Goffman | Interação simbólica

- Na sociedade moderna, os deuses dos grupos isolados deram lugar à adoração de único “objeto sagrado” que todos temos em comum: o EU individual.
- Os rituais são performance. Eles não têm apenas consequências sociais – criando imagens ideais sobre o Eu das pessoas, negociando laços sociais – mas eles também requerem alguns recursos, tanto propriedades materiais, quanto habilidades culturais.
- Os rituais mantêm uma sociedade unida.

Goffman | Representação

«Venho usando o termo 'representação' para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência».

Regiões da frente (fachada) e da retaguarda (bastidores)

- Goffman sugeriu que grande parte da vida pode ser dividida em regiões da frente e da retaguarda.
- As regiões da frente, ou fachada, são situações sociais ou encontros em que os indivíduos desempenham papéis formais – são “atores em cena”.
- O trabalho, a aula, o julgamento, são situações onde mesmo que dois indivíduos se detestem mutuamente, são obrigados a forjar uma imagem apresentável perante os outros.

Regiões da frente (fachada) e da retaguarda (bastidores)

«Será conveniente denominar de fachada, a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação».

«Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação. [...]».

Regiões da frente (fachada) e da retaguarda (bastidores)

- As regiões da retaguarda ou **bastidores** são onde armazenamos os adereços e os indivíduos se preparam para a interação em contextos mais formais. Analogamente com os bastidores de um teatro, as pessoas podem descansar e libertar as emoções e estilos de comportamento que ocultam enquanto estão no palco.
- Os bastidores permitem *“profanidade, comentários livres de índole sexual, beliscões, uso de roupas informais, posturas desengonçadas, utilização de dialetos e gírias, murmúrios e gritos, palavras agressivas e gracejos, desconsideração pelos outros em atos menores mas potencialmente simbólicos, sussurrar, assobiar, mastigar, mordiscar, vomitar e arrotar”*.

Regiões da frente (fachada) e da retaguarda (bastidores)

- Uma empregada de mesa pode ser a imagem de serenidade quando atende os clientes e ser agressiva e barulhenta para lá das portas da cozinha do restaurante.
- Há provavelmente poucos clientes que aprovariam os restaurantes se pudessem ver tudo o que se passa nas cozinhas.

«Aparência» e «Maneira»

«Aparência»

- Pode-se chamar de «Aparência» aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o *status* social do ator.
- «Tais estímulos nos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no seu ciclo de vida». [...]

«Aparência» e «Maneira»

«Maneira»

- Chamaremos de «maneira» os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima.
- Assim, uma maneira arrogante, agressiva pode dar a impressão de que o ator espera ser a pessoa que iniciará a interação verbal e dirigirá o curso dela. Uma maneira humilde escusatória pode dar a impressão de que o ator espera seguir o comando de outros, ou pelo menos que pode ser levado a proceder assim.
- «Aparência» e «Maneira» podem se contradizer entre uma à outra.

Cenário

«Primeiro, há o “cenário”, compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo».

Frame analysis | Erving Goffman

- Em *Frame analysis: an essay on the organization of experience* (1986), o autor delimita e aplica o conceito a diversas sequências interativas, explorando sua vitalidade metodológica para a realização de uma microssociologia sistemática.
- **Frame Analysis = Análise da moldura (ou quadro) ou também Análise do enquadramento**
- O objetivo de Goffman não é o de investigar grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: «O que está acontecendo aqui?».
- Para o autor, o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação.

Frame analysis | Erving Goffman

- A teoria do frame é um modo de mediar entre o determinismo dos sociólogos convencionais (que não considera a estratificação da realidade) e o relativismo dos etnometodólogos (que ignoram mesmo a realidade física: cuja sociologia ocorre só na mente).

Frame analysis | Erving Goffman

- Goffman define *frame* como o conjunto de **princípios** de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (Goffman, 1986, pp. 10-11).
- São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a **definição da situação** pelos sujeitos.
- Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a conforma e, conseqüentemente, qual o posicionamento que deve adotar perante ele.

Frame analysis | Erving Goffman

- Na teoria de frame (molduras ou quadros) a realidade não é unitária, mas está feita de muitos níveis, inseridos entre si, aonde cada frame pode ser construído a partir de um outro frame. À base deste complexo e estruturado de níveis diferentes de frame há a realidade física.
- Os frames podem ser constuídos através de duas transformações:
 - 1. o *framing* (ou seja, colocar ou tirar frames a uma realidade para obter outra e logo passar de um nível a um outro);
 - 2. o *keying* (ou seja uma transposição, como nas melodias, quando se troca a chave: assim que se obtém uma nova realidade no mesmo nível).

Frame analysis | Erving Goffman

- O **framework** é o nível mais simples aonde se estrutura a interação: o framework é o conjunto de objetos físicos e o mundo social das outras pessoas. Todos os outros níveis são alcançados por meio de transformações dos frames primários (frameworks).
- O limite inferior da estratificação da realidade é o framework, mas não existe um limite superior.
- Visto que os *frames* podem definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções, fica evidente sua dimensão política (e aplicação na ciência política).

Duas leituras | Erving Goffmann

- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200012&lng=en&nrm=iso#tx06
- http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/103_Priscila_S.pdf